

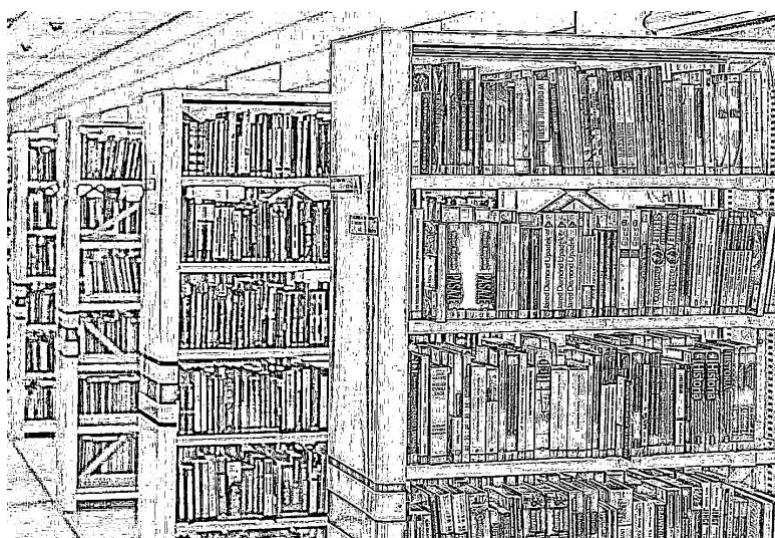
Estudantes e Servidores/as de Universidades Federais com 60 anos de idade ou mais: pesquisas sobre reconfigurações no curso da vida

Delson Ferreira

Galba Cristina Bezerra Franca Scartezini

Carlos Eduardo Henning

O envelhecimento e a velhice podem ser vistos como fenômenos múltiplos, heterogêneos, complexos e variáveis histórica e culturalmente (ARIÉS, 1978; DEBERT, 1999; COHEN, 1998; HENNING & DEBERT, 2015). Portanto, as expectativas, convenções, imagéticas e normatividades relacionadas ao envelhecimento e a velhice também se transformam social e temporalmente, fazendo do que era “típico” e “esperado” para a velhice há algumas décadas, ser muito diferente, por exemplo, de uma geração para outra. Essa plasticidade abre um espaço subjetivo e criativo para agenciamentos, novas possibilidades e projetos de vida inovadores em momentos mais avançados da vida nos dias atuais.



Em termos de conjuntura, os últimos anos têm sido repletos de desafios para pessoas idosas em nosso país, sobretudo se consideramos o duro impacto da pandemia da COVID-19 (HENNING, 2020), assim como as instabilidades econômicas, sociais e políticas que o Brasil enfrentou. Tendo essas questões em mente, neste texto apresentamos questões preliminares de duas pesquisas recentes que - tendo como *locus* a Universidade Federal de Goiás (UFG) - analisam as narrativas de: a) estudantes de graduação com sessenta anos de idade ou mais; b) servidores públicos na mesma faixa etária que atuam nessa instituição.

Essas pesquisas se perguntam, entre outras questões: de quais maneiras realizar um curso superior a partir dos sessenta anos de idade contribui para ressignificar a velhice no contemporâneo? Quais seriam os significados relacionados a tais projetos pessoais? E quais seriam as motivações para iniciar um curso superior nesse momento da vida? Além disso, quais são as circunstâncias e os agenciamentos associados à continuidade do trabalho formal após os sessenta anos de idade? Como

esses/as interlocutores/as mais velhos/as concebem e navegam o processo de digitalização da educação superior e das relações trabalhistas? E, por fim, como nossos/as interlocutores/as narram os desafios relacionados ao uso de aplicativos, plataformas digitais, sistemas informacionais tanto no contexto da educação superior quanto no contexto trabalhista, sobretudo após o início da pandemia da COVID-19?

Ambas as pesquisas - em distintos estágios de desenvolvimento - abrem espaço, ademais, para analisarmos os desafios e as oportunidades narradas por pessoas com sessenta anos de idade ou mais em contextos educacionais e profissionais de uma Universidade Federal do Centro-Oeste brasileiro, tendo paralelos potenciais com outros contextos brasileiros.

A pesquisa de mestrado de Galba Cristina Bezerra Franca Scartezini enfoca as narrativas de servidores/as docentes e técnico-administrativos da UFG com sessenta anos de idade ou mais, sobre os desafios crescentes que eles/as afirmam enfrentar com a digitalização das relações de trabalho, em especial, a partir da pandemia da COVID-19 e a possibilidade do *home office* (trabalhar a partir de casa). A autora pretende refletir em sua investigação sobre as dificuldades e as soluções que seus/suas interlocutores/as apresentam sobre os desafios criados pela implementação de sistemas de gestão de processos digitais, o uso das salas digitais para reuniões de trabalho e o uso crescente de mídias, aplicativos, plataformas, sites e outros meios digitais que se apresentam em suas vidas profissionais na velhice.

Já na pesquisa de doutorado de Delson Ferreira são analisadas as narrativas sobre experiências de estudantes entre 60 e 79 anos de idade matriculados/as em distintos cursos de graduação da UFG. O autor apresenta uma análise preliminar de parte das entrevistas realizadas até o momento. Algumas das perguntas que sua pesquisa tem apresentado são: de quais maneiras esses/as estudantes de graduação narram estar experimentando o ensino superior mais tarde na vida? A universidade tem sido inclusiva o suficiente em suas práticas educativas para tais estudantes mais velhos/as? Quais são os propósitos e os significados narrados por interlocutores para realizar um curso superior neste momento da vida?

Sendo assim, este texto, escrito a seis mãos, apresenta um breve panorama desses dois contextos de pesquisa em andamento e lança luz sobre questões e problemáticas que realçam a potencialidade das contribuições investigativas sobre a atuação, os desafios e as oportunidades narradas por pessoas com sessenta anos de idade ou mais que estudam ou que trabalham em Universidades Federais brasileiras.

Servidores/as da UFG com 60 anos de idade ou mais

A pesquisa de mestrado que eu, Galba Scartezini, venho desenvolvendo desde 2022 na Universidade Federal de Goiás leva em consideração as profundas mudanças produzidas no mundo do trabalho nas últimas décadas, como as reformas trabalhista e previdenciária (levando a um prolongamento dos anos dedicados ao trabalho), assim como o aprofundamento da digitalização das relações trabalhistas. Tais transformações, entre outros fatores, tendem a impor novas demandas à classe

trabalhadora idosa, produzindo pressões para uma atualização constante tanto das expectativas laborais gerais, quanto à dinâmica do mundo digital que exige inovação e aprendizagem tecnológica constante.

Em minha investigação, portanto, tenho trabalhado com a hipótese de que existiria um sentimento entre servidores/as idosos/as da Universidade Federal de Goiás de um relativo isolamento progressivo na vida sócio-laboral, o que seria um dos resultados do aprofundamento da digitalização das relações trabalhistas, em especial, após o início da pandemia da COVID-19. Pretendo em minha pesquisa - cujo trabalho de campo se iniciará no primeiro semestre de 2023 - analisar possíveis relatos sobre: (des)valorização do trabalho de pessoas idosas; a possível existência de conflitos intergeracionais em contextos trabalhistas; dificuldades e desafios no processo de “letramento digital” em mídias, plataformas, aplicativos e sistemas digitais que aprofundaram sua vigência após o início da pandemia e, em muitos casos, do estabelecimento de dinâmicas de *home office*, nas quais o trabalho é quase que inteiramente mediado pela internet.

Para realizar essa investigação eu pretendo dialogar mais proximamente com o que Carolina Parreiras (2020) denomina como o campo da “antropologia digital”, a qual contribui para a analisar múltiplos usos da internet, investigando de quais maneiras diferentes sujeitos e grupos sociais agenciam e administram os usos de dispositivos tecnológicos variados, assim como múltiplas mídias, plataformas, aplicativos e sistemas digitais. Me questiono, assim, sobre os potenciais desafios enfrentados pelos servidores/as idosos/as na UFG a partir do avanço tecnológico e as transformações ocorridas no mundo digital no período contemporâneo, especialmente sobre a prática profissional.

Os sistemas digitais, que vêm sendo constantemente implementados, destinados para o uso profissional no âmbito do serviço público federal, têm como um de seus objetivos oficiais a modernização e simplificação dos acessos de servidores/as, além da eficiência na prestação de serviços aos cidadãos. Tais objetivos, entretanto, são cumpridos tendo em mente possíveis especificidades de servidores/as idosos/as da UFG? Quais são as narrativas e os pontos de vista desses servidores/as diante da progressiva digitalização do ambiente de trabalho e das relações trabalhistas? Estas são algumas das questões que minha dissertação pretende endereçar.

Estudantes do Ensino Superior da UFG com 60 anos de idade ou mais

A pesquisa de doutorado que eu, Delson Ferreira, atualmente conduzo, é intitulada: “Por uma antropologia do curso da vida: pessoas idosas no ensino superior da UFG e suas agências”. Minha investigação examina as experiências narradas por interlocutores com 60 anos de idade ou mais que estão realizando os seus cursos de graduação na UFG nesse momento. Considerando dados de 2019, temos, como universo da pesquisa, apenas cinquenta e três estudantes matriculados/as nos mais diversos cursos de graduação da UFG e com os mais variados perfis pessoais. E, dentre tais interlocutores/as, há pessoas entre sessenta e setenta e nove anos. Destes/as, vinte e sete se declaram homens e vinte e seis se declaram mulheres. E sinto-me muito à vontade em trabalhar, dialogar e interagir com estes

interlocutores/as, pois faço parte deste grupo etário aos meus sessenta e cinco anos de idade, embora, no meu caso, como estudante de pós-graduação (doutorado). Assim sendo, não trabalho a partir de uma perspectiva distanciada em relação aos meus interlocutores, mas sim “de perto e de dentro”, como afirma Magnani (2002).

A primeira parte da pesquisa que desenvolvo é de fundo teórico, isto é, ela consiste em um trabalho com a produção acadêmica já existente sobre as várias passagens do que denominamos de “curso da vida”, de modo específico com a velhice, quanto às suas práticas sociais, seus sentidos individuais e coletivos, além das suas reconfigurações culturais contemporâneas.

Desde o ano de 2022 venho desenvolvendo uma etnografia, com observação participante, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais com tais estudantes, analisando narrativas sobre experiências pessoais vividas por eles/as como estudantes da UFG. Um de meus objetivos é analisar de quais maneiras realizar um curso de graduação a partir dos sessenta anos de idade ressignifica ou produz novos sentidos para a “velhice” no contemporâneo. Em outras palavras: quais são os sentidos de “ser idoso / idosa” como estudante universitário/a e quais são as situações específicas que interferem, cercam, cerceiam ou ampliam as vidas dessas pessoas?

Como antropólogo, aprecio a analogia entre a pesquisa que faço e a arte da fotografia. Compreendo, assim, que o registro do objeto do meu trabalho no modo “grande angular” abre o foco para captar as imagens e passagens narrativas do curso da vida de meus interlocutores, especialmente da velhice como uma experiência de vida urbana que se articula e recebe aportes e impactos provocados pelas experiências reais de ser idoso/a na cidade de Goiânia, capital goiana e uma das metrópoles do Centro-Oeste brasileiro. E o seu registro em “microfotografia” fecha o foco no trabalho etnográfico de dialogar com sujeitos que vivem seus processos de vida e de envelhecimento, tanto na produção dos seus sentidos, quanto nas suas interações com as condições reais e objetivas para ser idoso/a nesses espaços sociais, principalmente na UFG, como estudantes universitários/as.

Na sequência descrevo e analiso brevemente trechos de duas entrevistas recentes que realizei com meu orientador, além de utilizar algumas anotações do meu caderno de campo. Minha primeira entrevistada, Maristela (nome alterado aleatoriamente - como todos os demais aqui citados - para garantir o caráter confidencial das entrevistas nesta pesquisa), se considera de cor branca, está com setenta e sete (77) anos de idade, é aposentada pelo INSS desde 1997, e cursa uma graduação dentro da grande área de Ciências Humanas na Universidade Federal de Catalão (UFCat), embora no início de seu curso se tratasse ainda de um curso vinculado à UFG. Maristela relata ler, estudar muito e - ao contrário do que imaginei em um primeiro momento - ter vivido uma “boa experiência” com o ensino remoto desde o início da pandemia. Ela trabalha atualmente com projetos voluntários e encontra-se em plena e profícua atividade, além de ter realizado outras graduações ao longo de sua vida em outras universidades, como Psicologia e Letras / Literatura. Como ela mesma diz com prazer visível, é uma “mulher fuçada”; isto é, que não se deixa acomodar pelo que seriam os chamados “limites da idade”. Em suas palavras: “eu sou fuçada mesmo e entro em qualquer coisa, me chama e eu tô lá!”

Sobre a realização do seu curso superior atual e sua relação com colegas e professores na Universidade, ela aponta: “eu convivo bem, sem nenhum problema com a minha atual idade. Acho que tive mais problema [na Universidade] quando eu era mais jovem, mas hoje é bem tranquilo”. Ela relata que, quando jovem, era muito tímida, o que a atrapalhava em cursos superiores realizados no passado, e que hoje sua timidez ficou para trás, indicando que hoje a convivência dela consigo mesma é melhor e muito mais segura de si na maturidade.

Quando perguntei a Maristela como era a sua experiência atual como estudante de um curso na área de Ciências Humanas na universidade, em comparação aos cursos de graduação anteriores que havia feito, ela afirmou:

“muda muito, muda tudo, pois o que fazem as pessoas da minha idade? Ficam em casa, fazem as ginásticas dos idosos, ficam mancando com mil problemas, cuidando de netos, assim, para mim muda muito a minha vida pessoal, na minha cabeça. E também sou uma pessoa muito ativa, né, participo de muitas coisas, e estudar me faz social, me ajuda a ajudar os outros. Todo mundo me pergunta, ah, o que você está fazendo?...”

Minha interlocutora considera, portanto, que a sua experiência como graduanda na universidade é importante para a sua vida porque estudar a “faz social”, ou seja, contribui para que ela se sinta viva e agente na sociedade e que essa situação qualifica, em termos positivos, o seu viver. Isso se revela no seu relato de que, para ela, “faz muito sentido estudar” por gostar “muito de estar no meio das pessoas, trocando experiências”. Estamos, assim, diante de uma pessoa que, aos setenta e sete anos de idade, afirma se recusar a se enquadrar a uma certa imagética da velhice incompatível, por exemplo, como iniciar um novo curso superior. Maristela não se limitou a certas convenções sobre o espaço adequado a uma mulher da sua idade, o espaço da casa e da família, ao contrário, estamos diante de um ser agente que vê todo sentido em estar, como ela diz, em meio a outras pessoas, sobretudo jovens, mas de várias idades, na busca da troca de experiências.

Já o segundo interlocutor, Maurício, se considera branco, está com sessenta e cinco anos de idade, é aposentado pelo INSS desde 2022, e faz um dos cursos de Engenharia da UFG, no qual ele relata ter que estudar muito para acompanhar e ser aprovado nas matérias de exatas. Assim como Maristela, Maurício também relata ter vivido uma “excelente experiência” com as plataformas digitais de ensino remoto durante a pandemia. Aliás, ele elogia muito o ensino remoto em relação ao presencial ao dizer que, nele, estudou e aprendeu mais. Ele trabalha atualmente, mesmo aposentado, com gestão empresarial em duas empresas e é músico instrumentista - desde jovem - e ainda em plena atividade atual. Antes do curso superior que vem realizando também havia realizado dois outros cursos de graduação no passado, que foram realizados ao longo de sua vida em outras universidades, no caso, Composição e Regência Musical (não concluído) e Tecnologia Mecânica, além de outras especializações técnicas na área da engenharia.

No momento em que pensamos a respeito das motivações que o levaram a fazer o curso de Engenharia nesse momento da sua vida, meu interlocutor diz que, de início, a motivação era auxiliar a um afilhado a estudar para o ENEM. Por esse motivo,

inscreveu-se também para o Exame de modo despretensioso, mas que, após realizá-lo, constatou que teve:

“uma boa nota em todas as matérias, principalmente na redação, eu tive quase que a nota máxima. Então isso me deu uma condição de fazer uma escolha. Assim, naquele momento eu até me questioneei, eu falei: ‘Poxa vida, eu vou tirar o lugar de um jovem, né!’. Mas eu também gostaria de..., sabe? De ter essa experiência nova! Ainda mais falando da UFG, uma universidade federal, um outro nível! Então eu comecei assim com essa expectativa...”

E ainda sobre as suas motivações para estudar nos dias de hoje, ele as especifica revelando, com a sua fala, o quanto se vê como um agente pleno da sua vida pessoal e profissional na maturidade:

“Eu acho que o que eu quis mesmo foi adquirir mais conhecimento, sabe? Principalmente me desenvolver mais na área [do seu curso], [de] que eu já gosto, gostava bastante, da área de tecnologia. Eu fiquei muito empolgado quando eu me deparei com a possibilidade de [fazer] um curso de engenharia [...]. Eu falei: ‘Caramba, isso é tudo o que eu quero, né?’ E foi muito bom e tá sendo muito bom porque, de qualquer forma, a gente vai aprendendo bastante coisa. Então foi isso mesmo, querer aprender mais e querer desenvolver, adquirir novas habilidades, novos conhecimentos. Essa foi a minha motivação mesmo! Eu não gosto de ficar na zona de conforto, sabe?”

Perguntei ao Maurício se ele entende que a realização desse curso universitário pode mudar os rumos da sua vida na maturidade e ele respondeu:

“já tá mudando, sabe? Eu já senti que já mudou! As pessoas olham a gente com mais respeito! E a gente, às vezes, atua com mais maturidade, dominando melhor os assuntos. A área de engenharia tem tudo a ver com tecnologia, informática. Então eu acho que a minha expectativa, a minha experiência já está sendo [de mudança]. E eu acho que vai ser mais ainda, sabe?”

Ele entende tudo isso como realização pessoal, isto é, fazer o “que me dá prazer, aprender coisas novas e abrir novas possibilidades”. Desse modo, ao final do nosso diálogo, perguntei sobre os seus sonhos e, além dos sonhos, os seus desejos de vida e de futuro:

“Eu acho que pretendo continuar nessa, nesse rumo, sabe? Nessa..., nessa jornada aí! É, até o último dia da minha consciência! Que eu tiver consciência, né? Vitalidade, eu quero continuar aprendendo mais, crescendo, sabe? Então eu vejo o futuro dessa forma, continuar nessa, nesse ritmo, nessa batida!”

Compreendo que essas duas entrevistas demonstram a importância do estudo das práticas sociais e educacionais na velhice, dos seus sentidos e agências individuais e coletivas, além das reconfigurações culturais contemporâneas nos significados que meus interlocutores dão ao envelhecimento e a velhice. Nas análises preliminares que venho desenvolvendo, meu campo corrobora com o caráter múltiplo e plástico da

velhice em nosso tempo, em especial quando analisamos os projetos biográficos de sujeitos específicos desenvolvendo seus cursos superiores na maturidade.

Considerações finais

Como pudemos acompanhar nas elaborações das investigações preliminares aqui apresentadas, essas e outras pesquisas recentes têm aberto espaço para explicitar cenários de reconfigurações da velhice no curso da vida contemporâneo. Se há poucas gerações as possibilidades de pessoas consideradas “velhas” ou “na velhice” eram mais reduzidas em termos de ocupação trabalhista ou de realizar um curso superior, as duas pesquisas em andamento aqui apresentadas contribuem para pensarmos sobre os deslocamentos e ampliações acerca dos múltiplos significados de envelhecimento e velhice no contemporâneo. Ademais, em futuras publicações apresentaremos análises mais detalhadas sobre os modos como tais sujeitos na maturidade produzem e agenciam projetos biográficos que envolvem formação superior e relações de trabalho e, ao mesmo tempo, reelaboram e renegociam os significados atuais e outras potencialidades para o envelhecimento e a velhice.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARIÈS, Philippe. 1978. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Edusp. 1999.

FERREIRA, Delson. Relatório de pesquisa: transcrições das entrevistas de campo. Sem publicação. Goiânia, jan. 2023.

HENNING, C. E. Nem no mesmo barco nem nos mesmos mares: gerontocídios, práticas necropolíticas de governo e discursos sobre velhices na pandemia da COVID-19. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 150-155, 2020. Link: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/170798/161271>

_____. 2015. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Mediações*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, 2015. Link: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22900/pdf>

_____; DEBERT, Guita. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *Mais60 – Estudos sobre Envelhecimento*, São Paulo, v. 26, n. 63, p. 8-31, 2015. Link: https://portal.sescsp.org.br/files/edicao_revista/a21b7270-e797-4ccc-a526-9f83f89db9df.pdf

HIRANO, Luis Felipe Kojima. 2019. Marcadores Sociais das Diferenças: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias. HIRANO, L. F. K.; ACUÑA, M.; FONSECA MACHADO, B. Marcadores Sociais das Diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções. Imprensa Universitária: Goiânia. [Acessível via: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/marcadores_sociais_das_diferencas.pdf].

MAGNANI, José G. Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, ANPOCS/Edusc, 2002, vol. 17, nº 49.

PISCITELLI, Adriana. 2008. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.

VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Zahar. 1999.

Data de recebimento: 28/02/2023; Data de aceite: 10/03/2023

Delson Ferreira - é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), na Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG) sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Henning. É pesquisador vinculado ao LEX - Laboratório de Experimentações Etnográficas e Marcadores Sociais das Diferenças e mestre em Ciências Sociais pela UFSCar (2001). É professor de Filosofia e Sociologia do Instituto Federal Goiano / Hidrolândia. Currículo Lattes: [link](#). E-mail: delson.ferreira@ifgoiano.edu.br

Galba Cristina Bezerra Franca Scartezini - é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), na Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG) sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Henning. É pesquisadora vinculada ao LEX - Laboratório de Experimentações Etnográficas e Marcadores Sociais das Diferenças. É servidora TAE - Técnica Administrativa em Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG), lotada na Diretoria de Atenção à Saúde do Servidor (DASS/PROPESSOAS). Currículo Lattes: [link](#). E-mail: galbacristina@ufg.br

Carlos Eduardo Henning - é professor adjunto da Universidade Federal de Goiás (UFG), lotado na Faculdade de Ciências Sociais (FCS) e atuando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), ambos da UFG. Doutor em Antropologia Social pela Unicamp. É coordenador do LEX - Laboratório de Experimentações Etnográficas e Marcadores Sociais das Diferenças. Currículo Lattes: [link](#). E-mail: carloseduardohenning@ufg.br